

DIMINUTIVO EM PORTUGUÊS E EM FRANCÊS: *UM POUQUINHO É UN PETIT PEU*¹

Virpi Johanna TURUNEN² (PUC-Rio)

RESUMO: A complexidade dos valores e funções do sufixo *-inho* em português engendra dificuldades na sua tradução para outras línguas. Analisamos 213 formações diminutivas encontradas no livro *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado (1966), com o objetivo de desvendar a variedade dos valores semânticos do *-inho*, assim como as estratégias usadas na sua tradução para o francês. Na tentativa de preservar fidelidade ao texto de partida, o tradutor precisa recorrer a uma variedade de estratégias, de natureza semântica e sintática, para que sejam transmitidos valores que em português podem ser expressos por um único sufixo.

ABSTRACT: The complexity of meanings and functions of the diminutive in Portuguese can cause difficulties when translated into other languages. 213 diminutives detected in the book *Dona Flor e seus dois maridos* (Jorge Amado, 1966) were analyzed observing the variety of the meanings of the suffix *-inho* as well as the strategies used in the French translation. Trying to preserve fidelity to the source text, the translator needs to reach out to a variety of different strategies, both semantic and syntactic, in order to transmit meanings which in Portuguese can be expressed by a single suffix.

1. Introdução

A formação de diminutivos por sufixação é um processo muito produtivo na língua portuguesa. As gramáticas geralmente apresentam uma lista de mais ou menos vinte sufixos diminutivos, mas o diminutivo formado pelo sufixo *-inho* (junto com *-zinho*) é considerado, de forma praticamente unânime, como o sufixo mais produtivo (Cunha & Cintra 2001, p.91).

Geralmente definido como “uma forma derivada de uma palavra X”, cujo significado pode ser parafraseado por ‘pequeno X’, o diminutivo formado pelo sufixo *-inho* apresenta uma grande variedade de valores semânticos e discursivos além do valor puramente dimensional. Malheiros-Poulet (1986, p.62), em estudo sobre a vitalidade dos sufixos *-ão* e *-inho*, ressalta que uma abordagem que se baseia em uma escala de valores de dois pólos é insuficiente para representar os valores semânticos e discursivos desses sufixos. No caso de *-inho*, os sentidos afetivos, pejorativos, atenuantes, superlativos etc. não são representáveis numa simples escala como sendo “menos” alguma coisa. A autora frisa que as nuances variadas do diminutivo podem ser postas em relevo apenas através de um estudo semântico do elemento modificado e da situação de enunciação. Segundo Malheiros-Poulet, “o valor de origem, de diminutivo, vem sempre acompanhado por diferentes conotações, que só podem ser percebidas através do contexto” (1986, p.70).

Neste trabalho, procuramos mostrar a complexidade dos valores semânticos e discursivos que o sufixo *-inho* pode apresentar no português brasileiro e observar a dificuldade, decorrente dessa complexidade, da tradução desses valores para outras línguas. No caso, o francês.

Apesar de o francês também apresentar cerca de vinte a trinta sufixos diminutivos, observa-se uma grande diferença na produtividade do diminutivo entre o português e o francês. Para ilustrar esta diferença entre as duas línguas, e a conseqüente dificuldade quanto à transmissão para o francês dos valores discursivos expressos pelo sufixo *-inho*, recorreremos a uma análise de dados baseada no livro *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado (1966). Efetuamos uma análise das formas diminutivas encontradas na referida obra, com o objetivo de desvendar a variedade dos valores semânticos e discursivos que as formações diminutivas podem apresentar em uma única obra literária. Essa primeira análise é seguida pela análise das estratégias de tradução usadas na tradução do livro de Amado em francês. Procuraremos testar a nossa hipótese sobre a dificuldade de tradução das nuances semânticas e discursivas do diminutivo *-inho* para outras línguas. Acreditamos que na maioria das vezes, as nuances transmitidas por *-inho* são ignoradas nas traduções. E, quando não são ignoradas, o tradutor tem que recorrer a uma variedade de estratégias na língua de chegada para que possa expressar aquilo que em português pode ser transmitido por apenas um sufixo.

¹O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

²virpi_t@yahoo.com

A discrepância entre os meios pelos quais os valores são veiculados na língua de partida e na língua de chegada traz à tona de forma nítida a dificuldade de noções como a fidelidade e a equivalência em tradução. Muitas vezes, para expressar um conteúdo presente no texto de partida, o tradutor precisa recorrer a construções bastante diferentes na língua de chegada. Apesar do vasto trabalho teórico desenvolvido em torno das noções de fidelidade e equivalência, percebe-se a dificuldade da comunidade científica em chegar a qualquer definição robusta, apesar de a maioria dos teóricos concordar que para serem realmente traduções, estas devem ser “fideis”. É justamente a vagueza dos conceitos que permite tal consenso, apesar das diferenças na definição de fidelidade e equivalência (p.ex. formal vs. dinâmica/funcional; transmissão do conteúdo semântico vs. produção do mesmo efeito no público dos dois textos, etc.). Podemos, contudo, observar uma tendência geral: cada vez menos se procura equivalências estáticas no nível dos signos. Como frisam Roberts & Pergnier (1987, p.392), tradução é um fenômeno pragmático e almeja fornecer equivalências não aos signos como tais, mas aos signos inseridos em situações específicas.

No caso do diminutivo em português, a busca de equivalências na língua de chegada é uma tarefa desafiante, dado o caráter complexo do diminutivo na língua de partida: além dos valores e funções atribuíveis ao diminutivo serem muitos, as bases que aceitam o acréscimo do sufixo diminutivo em português também são variadas, o que faz a frequência desse fenômeno em textos escritos em português chegar a um nível bastante alto. Faltando um recurso equivalente na língua de chegada, o tradutor se confronta continuamente com o desafio de descobrir uma maneira de transmitir para a língua alvo os valores comunicados pelo diminutivo e assim manter uma certa fidelidade ao texto de partida, que seja ao mesmo tempo natural para a língua de chegada.

Nesse trabalho, procuraremos ilustrar que tipos de estratégias são possíveis na tradução em francês das expressões contendo formas diminutivas em português. Levando em consideração a variedade dessas estratégias, fica claro que uma noção de fidelidade entendida em termos de equivalência no nível formal não entra em questão aqui. Acreditamos que uma certa fidelidade, tanto em termos de transmissão do conteúdo semântico quanto de produção do efeito semelhante nos dois públicos, pode ser alcançada através de uma variedade de estratégias semânticas e sintáticas na língua de chegada.

2. Variedade de valores semânticos e discursivos atribuíveis às formações diminutivas

Para ilustrarmos a complexidade do sistema do diminutivo na língua portuguesa, recorremos a uma análise de dados. O livro *Dona Flor e seus dois maridos* de Jorge Amado (1966) foi escolhido para a pesquisa, dado o prestígio de Jorge Amado como narrador da vida cotidiana brasileira. Amado é reconhecido por seu talento de capturar de forma natural e realista o discurso moderno brasileiro. Embora seus romances se situem, sobretudo, no estado de Bahia, acreditamos que isso não tenha influência na frequência e/ou uso das formações diminutivas em comparação, por exemplo, com o Rio de Janeiro.

O nosso corpus é constituído pelo conjunto de 213 exemplos de diminutivo *-inho* encontrados no livro *Dona Flor e seus dois maridos*. Todos os exemplos de frases contendo um diminutivo formado por sufixo *-inho* foram analisados e classificados segundo os valores que veiculam. A seguir, apresentaremos exemplos dos valores que foram encontrados no nosso corpus.

Diminutivos de tamanho (32 ocorrências)

*O espanhol oferecera-lhe respeitabilidade e garantias, sem falar na **casinha** das vizinhanças do Largo Dois de Julho onde a instalou.* (p.186)

Diminutivos afetivos (69 ocorrências)

– *Vadinho, meu **irmãozinho**, minha velha morreu, minha **mãezinha**...* (p.144)

Diminutivos pejorativos (20 ocorrências)

*Veria Heitor atrás de um balcão de secos e molhados, quando muito de uma loja, **caixeirinho** a vida inteira; veria as meninas com idêntico destino, se não fossem terminar garçonetes de bares ou cafés, no frete dos patrões e dos fregueses, caminho direto para a zona, para o horror das ruas de mulheres-damas.* (p.49)

Diminutivos de ironia (6 ocorrências)

– *Olhe quem está aí; minha santa **sogrinha**, minha segunda mãe, esse coração de ouro, essa pomba sem fel.* (p.43)

Diminutivos com base adverbial: espaço/tempo/quantidade/modo (30 ocorrências)

– *Tabaris? O que é isso e onde fica? – Aqui **pertinho**...* (p.314)

– *Chegou o aviso **agorinha** mesmo, com um atraso medonho.* (p.215)

– Entre pra conversar **um pouquinho**... (p.106)

*Dona Flor, o corpo mole, o coração descompassado, a boca ardida e seca, falou **baixinho**: (...)* (p.397)

Diminutivos de totalidade (14 ocorrências)

– *Vivi para mais de dez anos com um, **igualzinho** a esse daí...* (p.146)

Diminutivos superlativos (10 ocorrências)

– *Porque tu gosta de mim, e no fundo, lá bem no fundo onde nem tu mesmo enxerga, tu tá **doidinha** pra me dar...* (p.359)

Diminutivos apreciativos (7 ocorrências)

*Seja velório rico, seja pobre, exige-se, porém, constante e necessária, a boa **cachacinha**; tudo pode faltar, mesmo café, só ela é indispensável; sem seu conforto não há velório que se preze.* (p.2)

Diminutivos de atenuação (7 ocorrências)

*O citado doutor Giovanni Guimarães imaginava pedaços inteiros de histórias, floreava os acontecidos, era chegado a uma **mentirazinha** bem apoiada em datas e locais precisos.* (p.16)

Diminutivos indicando outros valores semânticos (18 ocorrências)

– *Meu senhor, não me encabele, se quiser comer a **peladinha** venha de juiz e padre.*

A partir do nosso corpus, podemos constatar que o sufixo diminutivo *-inho* de fato assume valores semânticos e discursivos muito variados, e que a sua interpretação é intimamente ligada ao contexto de enunciação. A análise desses valores é muitas vezes subjetiva e um outro pesquisador poderia interpretar os dados de uma maneira diferente. Observa-se que as fronteiras entre as categorias não são muito rigorosas: temos casos nos quais o diminutivo pode significar, por exemplo, afetividade e tamanho ao mesmo tempo. Na nossa análise, procuramos classificar esses casos conforme o valor que *predomina* no contexto em questão. A última categoria é uma coletânea de casos dificilmente classificáveis, apresentando uma variedade de nuanças dedutíveis exclusivamente do contexto. Por exemplo, o caso citado acima apresenta um contexto sexual com uma forma diminutiva que não pode ser considerada afetiva nem pejorativa, nem nenhum dos outros valores listados na nossa análise.

O que se destaca nos nossos dados é a predominância dos valores diferentes do dimensional, este tradicionalmente considerado como o significado básico dos diminutivos. Apenas 15 % dos casos entraram na categoria dos diminutivos de tamanho, ou seja, 85 % dos diminutivos apresentam um outro valor. Os diminutivos afetivos predominam, chegando a 32,4 % de todos os casos. Na Tabela 1 podemos observar a distribuição de diferentes valores encontrados no corpus:

CATEGORIA	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	%
Diminutivos de tamanho	32	15,0
Diminutivos afetivos	69	32,4
Diminutivos pejorativos	20	9,4
Diminutivos de ironia	6	2,8
Diminutivos com base adverbial	30	14,1
Diminutivos de totalidade	14	6,6
Diminutivos superlativos	10	4,7
Diminutivos apreciativos	7	3,3
Diminutivos de atenuação	7	3,3
Diminutivos indicando outros valores semânticos	18	8,5
TOTAL	213	100

Tabela 1. Distribuição dos valores semânticos e discursivos encontrados no corpus.

Apesar da subjetividade inerente a este tipo de análise, esperamos que a classificação dos dados do presente corpus contribua para uma compreensão da abrangência e da complexidade que o mecanismo de formação de diminutivos na língua portuguesa apresenta.

3. Diminutivo na língua francesa

Comparada com o português, a formação de diminutivos por derivação em francês é um processo bastante restrito. Tanto Bally (1944, p.244) quanto Dauzat (1937, p.292) confirmam que a derivação sufixal é um processo em declínio no francês moderno. Milner (1988, p.194) vê a formação de diminutivos como um dos raros processos derivacionais ainda vivos no francês atual. *Le Grand Robert* (1985) lista 31 “principais sufixos diminutivos”: 25 para nomes e seis para verbos. Entretanto, apesar da grande quantidade de sufixos diminutivos listados por esta e outras gramáticas, a maioria dos sufixos são improdutivo. Por exemplo, Dauzat (1955, p.17) e Milner (1988, p.193) defendem que apenas o sufixo *-et(te)* pode ser considerado como ainda produtivo no francês moderno (e talvez *-on*, porem com ressalvas).

Observa-se uma diferença fundamental nos processos de formação de diminutivos entre o português e o francês: enquanto em português o sufixo diminutivo *-inho* pode ser acrescido a qualquer radical nominal, em francês, segundo Bally (1944, p.249), é necessário aprender quais são as palavras que aceitam uma forma diminutiva: por exemplo, *jardin* tem uma forma diminutiva enquanto *pierre* não tem. Além disso, a escolha do sufixo é imprevisível, por exemplo: *jardin-et*, *tour-elle*, *fort-in*, *frer-ot*, *négrillon (...)*³.

Dauzat (1937, p.293-295) propõe uma explicação de ordem fonética para a fraca produtividade do sistema diminutivo em francês. Segundo o autor, a grande maioria dos sufixos em francês é vocálica, o que faz com que a aplicação de um sufixo resulte em uma palavra homófona em relação à palavra base. Como resultado, não existe nenhuma diferença na língua falada entre a palavra *père* e a sua forma diminutiva *pèr-et*.

Segundo Herisson (1956, p.35), em francês, como em todas as línguas, os diminutivos têm as três funções seguintes: (1) diminuir tamanho; (2) expressar elogio, estimacão, afetividade; (3) depreciar, menosprezar. Como exemplo para a primeira função, temos formações francesas como *maisonnette* (de *maison*, ‘casa’). Para a segunda função, temos a forma afetiva *fiston* (de *fil*, ‘filho’), e para a terceira, a forma pejorativa *femmelette* (de *femme*, ‘mulher’). Como é o caso em português, em francês é necessário observar tanto a situação de enunciação quanto o valor do elemento modificado para que possamos determinar os valores semânticos e funções discursivas dessas formações.

Herisson (1956, p.35) observa que em francês o procedimento predominante na construção de diminutivos não é a construção sintética (como é o caso em português), mas a construção analítica. Herisson argumenta que o francês aproveita adjetivos como *mignon*, *charmant*, *joli*, *gentil*, e, antes de tudo, *petit*, para comunicar os valores e funções que são expressos por formações diminutivos em outras línguas. Segundo Herisson, o adjetivo *petit* tem praticamente monopolizado a função de um marcador diminutivo. Delhay (1996, p.180) observa que tanto o rótulo ‘diminutivo’ quanto a sua paráfrase ‘petit X’ são conceitos amplos abarcando uma variedade de valores. Analisando o poder expressivo de *petit*, Delhay observa que este abrange usos quantitativos do tipo ‘*petit commerce*’, qualitativos do tipo ‘*le petit peuple*’, e genealógicos do tipo ‘*petit-fils*’. Existem também usos meronímicos ‘*petit-lait*’, enquanto alguns usos são nitidamente metafóricos ‘*un petit Mozart*’ e outros metonímicos ‘*petit four*’. *Petit* pode também ter um valor aproximativo ‘*un petit kilo de*’. Enfim, os valores afetivos e axiológicos são numerosos ‘*un petit ami*’, ‘*un petit thé*’, ‘*un petit coup de fil*’, ‘*un petit vin*’. Herisson (1956, p.35) cita casos como ‘*(ma) petite femme*’, ‘*(mon) petit mari*’ e ‘*(mon) petit enfant*’ como exemplos de usos estritamente afetivos do adjetivo *petit*: percebe-se que o uso de *petit* não implica nenhuma referência ao tamanho ou à idade das pessoas. Assim, fica evidente que, além dos seus outros valores semânticos, *petit* possui intrinsecamente um aspecto puramente afetivo e pode assim funcionar como equivalente de uma formação diminutiva. Isso talvez contribua para a pouca produtividade do diminutivo sufixal no francês moderno.

³ “Seul l’usage m’avertit que *jardin* a un diminutif et que *pierre* n’en a pas; le choix du suffixe est imprévisible: *jardin-et*, *tour-elle*, *fort-in*, *frer-ot*, *négrillon (...)*.” (Bally 1994, p.249)

4. Estratégias de tradução do diminutivo *-inho* em francês

Vista a diferença entre o português e o francês nos recursos de transmissão de valores que em português são atribuíveis ao diminutivo *-inho*, recorreremos a uma segunda análise a partir dos exemplos do nosso corpus, esta com o objetivo de descobrir que tipo de estratégias os tradutores possuem na sua tentativa de transmitir em francês os valores expressos por *-inho*. As passagens contendo uma forma diminutiva em português foram comparadas com as suas traduções na versão francesa do livro *Dona Flor e seus dois maridos* (*Dona flor et ses deux maris*, traduzido por Georgette Tavares-Bastos, em 1998).

O ato tradutório é uma atividade complexa e as maneiras de transmitir um significado ou uma expressão em uma outra língua dependem de uma variedade de fatores, dos quais os mais evidentes são o contexto de enunciação e as características da língua de chegada. Como consequência, as estratégias possíveis de tradução são variadas. Dado a diferença nos recursos entre português e francês, espera-se que uma variedade de estratégias seja necessária em francês para que uma tradução “fiel” ao texto de partida seja alcançada. A seguir, observamos que tipos de estratégias foram encontrados no corpus, apresentando exemplos para cada uma dessas categorias.

4.1 sufixo diminutivo

Casos nos quais uma formação com *-inho* foi traduzida por uma expressão formada por um sufixo diminutivo em francês foram muito raros no nosso corpus. Apenas cinco casos foram observados, representando 2,3 % de todos os diminutivos do corpus. Por exemplo:

- Repare que gracinha, Flor, que coisa mais linda aquele **satanasinho** que está dançando... (p.121)
- Voyez, quel amour! Comme il est mignon, ce **diablotin** en train de danser... (p.152)

Estava cercado de crianças, e tanto o **negrinho** de carapinha, quanto os diversos mulatos mais escuros ou mais claros, assim como o loiro de cabelos de trigo, todos o tratavam de avô. (p.124)

Il était entouré d'enfants, un **négrillon** à la tignasse crépue, plusieurs petits mulâtres plus ou moins clairs, un petit blond aux cheveux de blé: tous l'appelaient grand-père. (p.156)

Em ambos os casos percebe-se o problema de definição entre um diminutivo “vivo” e uma forma lexicalizada. Tanto a palavra *négrillon* quanto *diablotin* tem a sua própria acepção nos dicionários franceses. A questão que se coloca é se estas formações, neste contexto, podem ser consideradas como formações propriamente diminutivas ou se devem ser consideradas como entradas lexicais independentes das suas bases. Se adotarmos a segunda opção, a quantidade de traduções feitas usando a estratégia de formação de diminutivos por sufixação fica ainda mais reduzida. Entre as cinco ocorrências, duas foram formadas pelo sufixo *-et(te)*, duas pelo sufixo *-on* e uma pelo sufixo *-in*. Dado que apenas o sufixo *-et(te)* é considerado produtivo por Dauzat (1955) e Milner (1988), fica ainda mais difícil considerar as formações citadas como diminutivos “verdadeiros”. Evidentemente, é impossível tirar conclusões a partir de dados tão limitados. Entretanto, é interessante observar que todos os nossos cinco casos de formas aparentemente diminutivas são na verdade casos de difícil determinação entre uma forma lexicalizada e uma forma produtiva. Isto demonstra, mais uma vez, a diferença entre o português e o francês em termos de produtividade do processo de formação de diminutivos.

4.2 *petit* + X

A estratégia “*petit* + X” se mostrou bastante freqüente no nosso corpus, confirmando as reflexões de Herisson (1956) e Delhay (1996) apresentadas no Capítulo 3. Temos um total de 48 casos de diminutivos traduzidos por esta estratégia, representando 22,5 % dos casos do nosso corpus. Por exemplo:

- Aquele, com muito esforço, obra **uma quadrinha** em sete sílabas. (p.29)
- Celui-là, avec beaucoup d'effort, pond **un petit quatrain** en sept syllabes. (p.44)

Depressa, passe uma ficha, meu irmãozinho, rápido que já vai fechar, pediu Arigof num sussurro patético. (p.162)

« Vite, donne-moi un jeton, mon **petit frère**, vite, parce que cela va fermer », murmura pathétiquement Arigof. (p.201)

As propostas de Delhay e de Herisson sobre o uso polivalente do adjetivo *petit* encontram apoio no nosso corpus: detectamos ocorrências desta estratégia em quase todas as categorias semânticas, o que

confirma a sua capacidade impressiva de comunicar significados muito variados. A afirmação de Herisson (1956, p.35-38) sobre o valor hipocóristico de *petit*, salientando os valores afetivos deste adjetivo, também é confirmada: 35,4 % dos nossos exemplos de diminutivos traduzidos pelo adjetivo *petit* fazem parte da categoria semântica de valores afetivos.

4.3 adjetivo + X

A categoria “adjetivo + X” contém os casos nos quais o sufixo *-inho* é traduzido por um adjetivo que não é *petit*, por exemplo, *jeune* (‘jovem’), *joli* (‘bonito’), *faux* (‘falso’), entre outros. Temos 21 casos desse tipo, contando com 9,9 % das ocorrências do corpus. Nos exemplos seguintes, temos o sufixo *-inho* traduzido por adjetivos *leger* (‘leve’) e *vieux* (‘velho’):

O citado doutor Giovanni Guimarães imaginava pedaços inteiros de histórias, floreava os acontecidos, era chegado a uma **mentirazinha** bem apoiada em datas e locais precisos. (p.16)

Le docteur Giovanni Guimarães imaginait des passages entiers d’histoires, enjolivait les événements, enclin à de **légers mensonges** appuyés sur des dates et lieux précis. (p.30)

– Ah!, meu **irmãozinho**, ela estava toda fria, os olhos esbugalhados... (p.145)

– Ah! Mon **vieux frère**, elle était déjà toute froide, les yeux grands ouverts... (p.179)

4.4 advérbio + X

A categoria “advérbio + X” compreende os casos nos quais a tradução é feita via sintagma “advérbio + palavra base” (ou um sinônimo da palavra base). Temos 23 casos desse tipo, contando com 10,8 % das ocorrências do corpus. Nos exemplos seguintes, temos o sufixo *-inho* traduzido pelos advérbios *un peu* (‘um pouco’) e *plutôt* (‘antes’, ‘melhor’):

Pedi mais dinheiro, ah!, era um trabalho extenuante, tudo escuro de breu nos círculos do além, tão negra a sina de Pelancchi! **Um dinheirinho** para velas. (p.429)

Elle demanda plus d’argent. Ah! c’était un travail exténuant, tout était obscur dans les cercles de l’au-delà, et si sombre la destinée de Pelancchi! **Un peu d’argent** pour des bougies. (p.515)

– Eu? Não, Deus me livre. Ele é até **bonzinho**. Mas só caso com o homem que eu ame... (p.60)

– Moi? Non, Dieu m’en garde. Je le trouve même **plutôt gentil**. Mais je ne veux me marier qu’avec un homme que j’aime... (p.79)

4.5 outra palavra

Na categoria “outra palavra” temos uma variedade de casos nos quais o diminutivo *-inho* é traduzido por uma palavra que não é a forma correspondente mais evidente, nem um sinônimo da palavra que foi usada no original em português. Esta categoria compreende 21 casos e representa 9,9 % do nosso corpus. Nos exemplos seguintes, temos o substantivo *personne* (‘pessoa’) e o adjetivo *fou* (‘louco’) substituindo o *-inho* na tradução francesa:

Ele o sabia por viva experiência, e ainda agora, ao fitar as ruínas de dona Rozilda, recordava-se do esplendor crepuscular de Célia Maria Pia dos Wanderleys e Prata, todos esses nomes para designar uma tampinha desse tamanho, senhora da alta sociedade, **mulherzinha** esquivada, levada da breca. (p.63)

Il le savait par sa propre expérience, et maintenant encore, observant les restes de dona Rozilda, il se rappelait la splendeur crépusculaire de Célia Maria Pia dos Wanderleys e Prata, tous ces noms désignant une femme de petite taille, dame de la haute société, **personne** loquace et endiablée. (p.82)

– Que o doutor Teodoro está **caidinho** por você... (p.243)

– Que le docteur Teodoro est **fou** de vous... (p.296)

4.6 outra construção

A categoria “outra construção” contempla casos nos quais a tradução da forma diminutiva em português provocou modificações maiores no nível da frase e não apenas em relação à palavra em questão. Temos 11 casos deste tipo, representando 5,2 % do nosso corpus. Nos exemplos seguintes, o diminutivo formado por *-inho* é traduzido pelas construções verbais *se soumettre* (‘submeter-se’) e *avoir l’air de* (‘parecer’):

– Enquanto Deus me der vida e saúde esse canalha não casa com minha filha. Não que ela mereça esse cuidado, é uma sonsa, uma ingrata, nasceu para **sujeitinha**. (p.98)

– Aussi longtemps que Dieu me prêtera vie et santé, cette canaille ne se mariera pas avec ma fille. Non qu'elle mérite cette sollicitude, c'est une sournoise, une ingrante, elle est née pour **se soumettre**. (p.124)

Dona Gisa, de regresso, trouxera de New York um cachorro, desses *que são **direitinho** uma lingüiça* e, para dona Flor, uma prenda linda, um broche. (p.339)

De retour de New York, dona Gisa avait ramené un chien, de ceux qui « **ont l'air d'une** saucisse », et pour dona Flor un cadeau, une jolie broche. (p.406)

4.7 omissão

A categoria de omissão compreende casos nos quais o diminutivo em português é traduzido usando a palavra francesa que seria o equivalente mais evidente da palavra em português, mas sem marcas de diminuição. É importante salientar que, na análise de estratégias encontradas no nosso corpus, unidades do tamanho da frase foram consideradas. Por vezes, a marca diminutiva é ignorada na palavra em questão e reproduzida em um outro lugar da mesma frase. Nessa categoria, juntamos as ocorrências nas quais nenhuma marca diminutiva foi observada na frase em francês. Detectamos um total de 72 casos, representando 33,8 % de todas as ocorrências do nosso corpus. Estratégias de omissão foram observadas em todas as dez categorias semânticas e discursivas da primeira análise dos dados. Os exemplos seguintes pertencem às categorias de ironia e de totalidade, respectivamente:

– E a **linguinha**, como vai, bem afiada? (p.43)

– Et la **langue**, comment va-t-elle, bien aguisée? (p.58)

Pensou que o doutor Teodoro também queimava por dentro, **igualzinho** a ela. (p.262)

Elle pensa que le docteur Teodoro brûlait intérieurement, **comme** elle. (p.317)

Na categoria de omissão encontram-se até casos de omissão completa, ou seja, casos nos quais nem a palavra base da forma diminutiva foi traduzida em francês.

– Vem aqui, Flor, vem deitar junto de mim, vamos vadiar um **pinguinho**. (p.360)

– Viens ici, Flor, viens t'étendre près de moi, nous allons faire l'amour. (p.431)

4.8 não classificados

Por fim, unimos na última categoria os casos de difícil classificação, por exemplo:

Nos primeiros tempos do casamento dona Flor ficava toda encabulada e sem jeito, pois ele a exigia **nuinha por inteiro**. (p.10)

Dans les premiers temps du mariage, dona Flor se sentait gênée et maladroite, car il l'exigeait **entièrement nue**. (p.23)

Nesse caso, a expressão modificada por *-inho* contém também outros elementos de intensificação em português e estes são transmitidos na língua de chegada, o que torna impossível determinar se o efeito na tradução é causado pelo sufixo *-inho* ou por esses outros elementos de intensificação. Temos 12 ocorrências desse tipo, não permitindo a análise da estratégia usada.

5. Análise dos resultados

A partir dos dados apresentados acima, podemos afirmar que as estratégias usadas para transmitir os valores de *-inho* em francês são muito variadas: o que é expresso por um único sufixo em português assume diversas formas em francês. Poucas vezes parece haver correspondência estrutural entre português e francês, no sentido de o significado do diminutivo *-inho* ser comunicado por um sufixo diminutivo em francês. A comunicação do valor expresso por um diminutivo em português parece acontecer através de uma variedade de estratégias em francês, incluindo-se o uso de diferentes adjetivos ou outras palavras e construções. A repartição das estratégias de tradução no nosso corpus é ilustrada na Figura 1⁴:

⁴ Legenda para as abreviações: suf = “sufixo diminutivo”; petit = “petit + X”; adj = “adjetivo + X”; adv = “advérbio + X”; op = “outra palavra”; oc = “outra construção”; om = “omissão”; nc = “não classificado”.

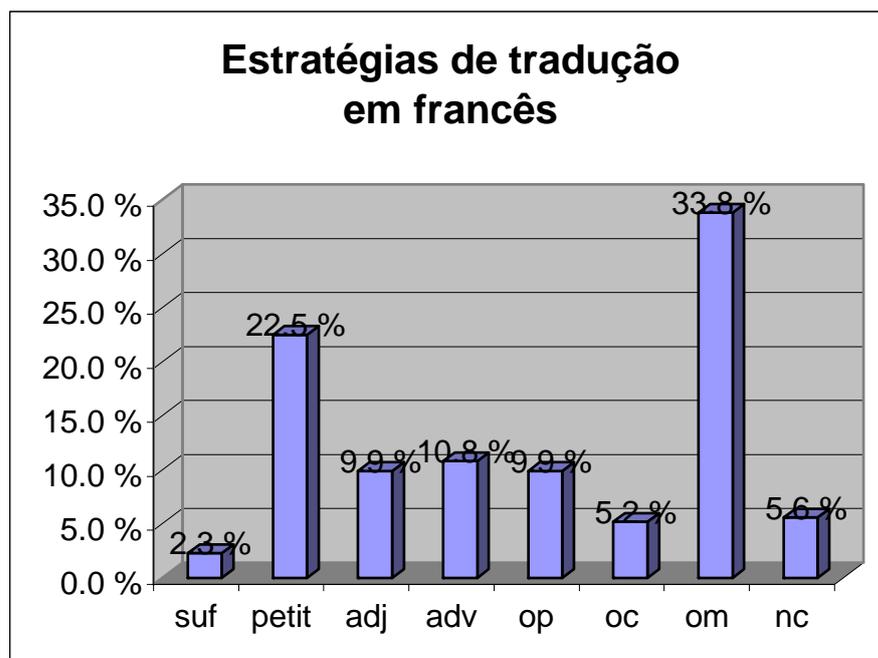


Figura 1. Repartição das estratégias de tradução em francês.

A partir das proposições teóricas sobre a diferença na produtividade de formação de diminutivos entre português e francês, apresentadas anteriormente, seria de se esperar que, nos casos em que o tradutor recorre a alguma estratégia de tradução em vez de simplesmente ignorar o valor do diminutivo, as estratégias mais usadas em francês seriam o uso de um adjetivo, sobretudo do adjetivo *petit*. Considerando as abordagens de Dauzat (1937), Herisson (1956) e Delhay (1996), seria de se esperar que as ocorrências de um sufixo diminutivo em francês seriam bastante raras. A análise das ocorrências do nosso corpus confirmou essas hipóteses: enquanto a categoria “*petit + X*” apresenta 22,5 % das estratégias de tradução usadas, apenas cinco casos de sufixos diminutivos foram detectados, representando 2,3 % de todas as ocorrências. Além disso, todos os cinco são casos de difícil definição entre formas lexicalizadas e formações produtivas.

O adjetivo *petit* desperta interesse especial no corpus em francês. Segundo Herisson (1956, p.35), as construções analíticas formadas por adjetivos como *mignon*, *gentil*, *charmant*, *joli* e *petit* são típicas da língua francesa e servem para comunicar o que é transmitido por um diminutivo sintético em outras línguas. Segundo Herisson, o adjetivo *petit* monopolizou a função de adjetivo transmitindo valores de diminutivo. Isto se manifesta no nosso corpus: detectamos 48 casos (22,5 %) com o adjetivo *petit* contra 21 casos (9,9 %) com outros adjetivos. Essas duas estratégias contam com 32,4 % de todos os casos e o adjetivo *petit* representa 69,6 % do total de 69 adjetivos. O fato de a estratégia “adjetivo + X” se mostrar muito mais freqüente que a estratégia “sufixo diminutivo” no nosso corpus confirma a tese de Herisson sobre a natureza analítica da língua francesa.

Como era de se esperar, “omissão” se mostrou a estratégia de tradução mais freqüente no nosso corpus, contando por 33,8 % dos casos. Isto fortalece a nossa hipótese sobre a dificuldade de transmissão dos valores semânticos do sufixo *-inho* para outras línguas. Faltando um mecanismo correspondente na língua de chegada, o valor transmitido pelo sufixo *-inho* é muitas vezes negligenciado. Entretanto, devemos lembrar que a nossa análise não cobre todas as dimensões envolvidas na tradução: os tradutores dispõem de várias maneiras para expressar nuances diferentes, mas isto não acontece necessariamente no mesmo lugar que no texto original. Por exemplo, um tradutor pode negligenciar uma forma diminutiva exprimindo afetividade em uma frase e, em compensação, adicionar em um outro lugar no texto traços comunicando afetividade na língua alvo. Nossa análise se limitou ao nível de frase, fazendo com que as estratégias deste tipo ficassem do lado de fora do nosso estudo.

Com um corpus limitado, é impossível pretender uma representação exaustiva sobre a formação de diminutivos e sobre as estratégias de tradução possíveis. Não podemos negligenciar o caráter subjetivo da interpretação que o tradutor faz quando escolhe as expressões adequadas na língua de chegada. Cabe lembrar que os meios de expressão disponíveis em uma língua como sistema é uma coisa, o uso que o tradutor faz desses meios é outra.

É necessário lembrar, ainda, que no nosso trabalho observávamos apenas as traduções das ocorrências do diminutivo *-inho*. Sem dúvida, a versão francesa do livro *Dona Flor e seus dois maridos* compreende ocorrências de diminutivo fora das partes que constituem o nosso objeto de análise. Como o nosso corpus em francês é construído a partir das traduções das formas diminutivas em português, nenhuma generalização pode ser feita sobre a frequência dos diminutivos formados por sufixação em francês. Lembramo-nos da observação de Bally (1994): o uso das formas diminutivas em francês é restrito e imprevisível: para algumas palavras existe uma forma diminutiva, para outras não. Assim sendo, a frequência dos diminutivos no corpus em francês pode ser influenciada pela escolha de palavras na versão original do livro. Para a comparação da frequência e produtividade dos diminutivos formados por sufixação, um outro tipo de corpus seria necessário, além de um método rigorosamente contrastivo. No âmbito do nosso trabalho, objetivamos simplesmente evidenciar que tipos de estratégias foram usados na tradução de formações diminutivas em um corpus limitado.

6. Considerações finais

A multiplicidade semântica e discursiva do sufixo *-inho* torna as nuances expressadas por este sufixo difíceis de serem traduzidas para outras línguas. Na sua busca de equivalências na língua alvo, preservando a sempre almejada fidelidade em tradução, o tradutor encontra-se com o desafio de transmitir os valores, que em português podem ser expressos por apenas um sufixo, via formas que sejam equivalentes em conteúdo e ao mesmo tempo características para a língua de chegada. Acreditamos que não é à toa que as noções de equivalência e fidelidade são vagas e permitem interpretações bastante flexíveis. Na verdade, em vez de nos frustrarmos com essa vagueza, talvez deveríamos abraçá-la e aceitar o fato de existirem várias maneiras de produzir traduções “fieis”. No caso da tradução de diminutivos, vimos que uma variedade de estratégias na língua de chegada pode levar ao sucesso na transmissão de valores expressos pelo sufixo *-inho* em português.

7. Referências bibliográficas

AMADO, J. *Dona Flor e seus dois maridos*. 50^a ed. (1966). Rio de Janeiro: Record, 2001.

AMADO, J. *Dona Flor et ses deux maris*. Editions Stock, 1988. Tradução: Georgette Tavares-Bastos.

BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique française*. 2^a ed. Berne: A. Francke S.A., 1944.

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DAUZAT, A. L'appauvrissement de la dérivation française. *Le Français moderne*, IV, p. 289-299, 1937.

DAUZAT, A. Les diminutifs en français moderne. *Le Français moderne*, XXIII, p. 13-20, 1955.

DELHAY, C. *Il était un "petit X". Pour une approche nouvelle de la catégorisation dite diminutive*. Paris: Larousse (Collection Sciences du Langage), 1996.

HERISSON, C. Le diminutif hypocoristique “petit”. *Le Français moderne*, XXIV, p. 35-47, 1956.

Le Grand Robert de la langue française: Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française, 2^a ed. Paris: Le Robert, 1985.

MALHEIROS-POULET, M-E. A vitalidade dos sufixos comparativos -ão e -inho. *Palavras*, Lisboa: APP, no 9, p. 61-77, 1986.

MILNER, J.-C. Genre et dimension dans les diminutifs français, in: Koskas, E. & Leeman, D. eds, *Genre et langage* (Actes du colloque tenu à Paris X Nanterre les 14-15-16 décembre 1988). Imprimerie intégrée de l'université Paris X, p. 191-201, 1988.

ROBERTS, R. & PERGNIER, M. “L'équivalence en traduction”, *Meta*, vol. 32 no 4, p. 392-402, 1987.